



A sr.^a D. Dilia Monteiro de Sampaio Batista, distinta pianista e a sr.^a D. Lyela Monteiro de Sampaio Batista, distinta violinista (Fot. Cunha)

2.^a série — N.º 493

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 2 de Agosto de 1915

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA

Diretor: J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.
Editor: JOSÉ JOUBERT CHAVES

Trimestre..... 1\$20 ctv.
Semestre..... 2\$40 >
Ano..... 4\$80 >

Edição semanal do jornal O SECULO

Agência da ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA em Paris,
Rue des Capucines, 8

Redação, administração, oficinas de composição e impressão
RUA DO SECULO, 43

Numero avulso, 10 centavos



MUNICÃO CALIBRE.22.

Deseja Va. Sa. obter exactidão, fôgo certo, e penetração da sua munição de pequeno calibre assim como dos cartuchos para caça grossa.

Então devem exigir os cartuchos REMINGTON-UMC que veem na caixa com marca bolta Vermelha. Estes são os que dão esse resultado.

Acham-se á venda nas principaes casas d'este genero.

Remington Arms-Union Metallic Cartridge Company
299 Broadway, Nova-York, N. Y., E. U. da A. do N.

Representantes:

No Sul do Brazil

LEE & VILLELA

Caixa Postal 420, São Paulo, Caixa Postal 183, Rio de Janeiro

No Terreno de Amazonas

OTTO KUHLEN

Caixa Postal 20 A., Manaus



de em Portugal: G. Heltor Ferreira, L. do Camões, 3, Lisboa.

COMPANHIA DO = PAPEL DO PRADO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL

Ações	300.000\$000
Obrigações	300.000\$000
Fundos de reserva e de amortisação	966.400\$000
Réis	950.310\$000

Séde em Lisboa.—Proprietaria das fabricas do Prado, Marianana e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casa d'Herminio (Lousã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou rredonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes Jornaes e publicações periodicas do paiz, e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes — Escriitorias e depósitos: LISBOA — 270, Rua da Princesa, 76 — PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51. Encomendas telegraphicas em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico: Lisboa, 605; Porto, 117.



A JOVEM MAGNETIZADORA

Como Ela obriga aos outros a obedecerem á sua vontade

Cem mil exemplares d'este celebre livro (descrevendo as extraordinarias Forças Psychologicas) para serem distribuidos gratuitamente pelo correio aos leitores da "Ilustração Portuguesa"



... HAVIA LIVRO poder de influencia propria, o magnetismo, a fascinação, a subjugação do espirito, de-lhe o nome que quizer, pode seguramente ser adquirido por todos, mesmo pelos infelizes ou pelos antipáticos,» segundo diz o sr. Elmer Ellsworth Knowles, autor do livro intitulado «A Chave do Desenvolvimento — Forças Ocultas». O livro expõe claramente factos assombrosos a respeito dos «poderes» dos magos Orientaes.

o descreve o sistema simples, porém eficaz, de subjuar os pensamentos e os atos dos outros; o modo pelo qual se pode vencer o amor e a amizade d'aqueles que por outro modo permaneciam indifferentes; como rapidamente e acertadamente julgar o caracter e a paixão dominante de cada individuo; como curar as molestias e costumes mais rebeldes, sem a necessidade de recorrer ao emprego de drogas ou medicamentos quaesquer; achase-se até explicado o assunto complicado sobre a transmissão do pensamento (telepathia). A senhora Josephine Davis, a atriz predileta, cujo retrato aqui reproduzimos, asseveranos que o livro do professor Knowles oferece successo, saúde e felicidade a cada alma viva, seja qual for a sua profissão. Ela crê que o professor Knowles já descobriu principios os quaes, universalmente adoptados, mudarão por completo o regimen mental da raça humana.

O livro que está sendo distribuido gratis por toda a parte, está repleto de reproduções fotograficas mostrando como estas forças occultas estão sendo empregadas pelo mundo inteiro e como milhares e milhares de pessoas tem desenvolvido poderes que elles nem sequer sonhavam possuir. A distribuição gratis dos 100.000 exemplares está sendo feita por uma grande instituição londrina, e será enviado gratis um exemplar a qualquer pessoa a quem isso interessar. Não se pede dinheiro algum; porém, os que desejarem cobrir a verba de portes podem enviar selos postaes no valor de 5 centavos sendo Portugal, ou 200 rs. originados do Brazil. Todos os pedidos d'este livro deverão ser dirigidos ao «National Institute of Sciences, Secção Gratuita Portuguesa 5507 A, n.º 258 Westminister Bridge Road, Londres, S. E., Inglaterra.» Bastará apenas pedir um exemplar, escrito em Portuguez, da «Chave do Desenvolvimento das Forças Intimas», mencionando «Ilustração Portuguesa».

ESTOMAGO, FIGADO, INTESTINOS PILULAS DIGESTIVAS FOSTER

(Tónico-Laxativas, Anti-Biliosas)

Remedio ideal contra: Somnolencia consecutiva ás comidas, enxaquecas; digestões difficéis; pobreza de sangue; falta de appetite; ondas de calor á cabeça; azia e dores de estomago; bills; tez amarelada; oppressão e suffocação; palpitações; calafrios; náuseas; prisão de ventre pertinaz; eructações; flatulencia; lingua saburrosa; tonturas de cabeça; manchas deante dos olhos; mãos e pés frios; etc; etc.

As Pilulas Digestivas Foster encontram — se á venda em todas as pharmacies e drograrias, a 500 Rs. cada frasco; pelo correio, franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: JAMES CASSELS & C., Succes., Rua Mousinho da Silveira, N.º 85, Porto.

Seculo Comico

Preço 1 c. n.avo

Leir na quinta-feira proxima

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME Brouillard



Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em factos. Pelo estudo que fez das ciencias, quromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombroso, d'Arpenignay, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglés, allemão, italiano e hespanhol. De consultas diarias das 9 da manhã as 1 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Con sultas a 18000 réis, 28500 e 58000 réis.

... os que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglés, allemão, italiano e hespanhol. De consultas diarias das 9 da manhã as 1 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Con sultas a 18000 réis, 28500 e 58000 réis.

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA CRONICA

N.º 493

2-8-1915

O «pic-nic» da Amadora

Quasi uma vila inteira, a Amadora, prepara os farneis, enche largos cestos de vime e vae, n'uma satisfação tranquila e puramente virgiliana, passar um bom dia de sol e de luz sob as velhas arvores de Belas. A' frente, como nas altas terras da Escocia, uma gaita de foles ensurdece e atraz do «bag-piper» é uma grita, uma exuberancia de vida ao longo de toda a estrada enxada. Na quinta do Senhor da Serra, debaixo da vestusta marmaria, onde Beckford cismou e onde Bocage compôz, os grupos escalonam-se n'uma placidez de georgica, vivem, pulsam, latejam na bemdita alegria de viver. Ao estalar da primeira rolha, um, mais

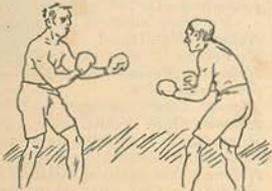


poeta, sem duvida, sussurrou a prece suave:—«O' fortunatos nimium...» e mais tarde, na hora exausta do crepusculo, decerto, Menalco e Dorilas cantaram, em estrofes alternadas, as boas dadivas campestres e singelas. E serênamente, no instante misterioso em que a sombra e o socego mais se en-sombram, mais socegam,— toda aquela gente voltou com um bom sorriso á flôr da boca, com uma boa paz dentro da alma. Coisa simpática!

O murro demonstrativo

Trindade Coelho conta, em qualquer parte, que havia em Coimbra, na velha Universidade, um estudante espadado, de pêlo hirsuto, uma torre de vinte decímetros d'altura, com o bojo de Carlos o gordo e o nariz inflamado de Falstaff. Era um profissional do murro. Na época de exames, a torre, de apparencia socegada e tranquila, agitava os punhos, fazia um gesto que, vagamente, indicava uma intenção de sóco — e transitava.

Quando a passagem se lhe afigurava mais difficil, concluía a intenção, dava, com effeito, um sóco — n'uma tabua, n'al-gum bedel extraviado e triste, n'uma parêde, em qualquer objeto inanimado, enfim. Os rapazes chamavam a isto o sóco-aviso, o sóco preliminar e demonstrativo. O lente encolhia, gotejava uma aprovação restrita. De então para cá, o sóco demonstrativo parece ter tomado grande voga e não já, — como no caso do estudante, — se executa nas coisas brutas da natureza cega. E' na propria face humana, na face que olha virtuosamente para o céu, que ele se exerce. Dois «gentlemen», vestidos como toda a gente, tomam o carro do Lumiar, penetram no «Stadium» seguidos



de uma incalculavel porção de «badauds»; breves instantes depois, um d'eles retira com a cára em sangue e os espectadores ficam sabendo como se dá e, sobretudo, como se recebe,—um murro demonstrativo.

Mitologia

Na escola, todos nós aprendêmos, uns com pé-na, outros com indiferença, como aquelas lindas historias da mitologia não passavam de fabulas. Endymião jámais tivéra existido e a mádida Amphitrite nunca pisou, com o seu andar de deusa, as fulvas areias das ilhas sagradas da Eubêa. Mas ha historias, que, pelo habito, nos costumamos a considerar como verdadeiras, embora sobre elas tenhamos as mais evidentes duvidas; e assim é que, mais tarde, na idade da razão, constantemente o nosso criterio logico nos faz imaginar positivas, coisas que, na verdade, não tem o menor aspeto de existencia. Todos os dias, nas «Reclamações» dos jornaes, uma longa e complicada supplica de assinantes anônimos implora policia que estabelesem a ordem, policia que detenham o desacato publico, policia que dêem um ar de placida civilização a esta linda cidade devastada pelo selo e pelo abandono. Só um ou outro pensador encolherá os hombros em face de tão ingenuo pedido. A policia é como a encantadora Galatêa: — não existe.



«Reinado Tragico»

Foi ha mezes, em Cintra, no formidavel incendio de «Reflorir». E d'esse livro, de uma tão perfeita doçura, em que, desde o titulo até á ultima folha, se desprende com resignada melancolia, um pensativo sonho de bondade, de esperanza e de amor, —ficou-me a ideia consoladora de que Portugal

continúa vivendo pela mentalidade dos seus raros pensadores, sentindo que se transforma ainda o seu tumultuoso sangue no vasto coração de um pequeno numero de romancistas. Agora, ao lêr o «Reinado Tragico», em toda a amargura do Principe Perfeito, senti perpassar, n'uma caricia comovida, a alma forte e mascula de um escritor de raça. E julgo que João Grave, prosador insigne, é um poeta enternecido que, no seu quieto retiro de Miramar, tem os mesmos gostos, as mesmas tendencias literarias do historiador de Brancannes e é, — como poucos — um bom e nobre portuguez, vivendo placidamente no luminoso triunfo das glorias da sua terra.

MARIO DE ALMEIDA.

(Ilustrações de Manuel Gustavo).





(Episódio da guerra)

PEÇA EM 1 ATO por PAULO OSORIO

Outubro de 1914

PERSONAGENS

<i>Maria de Martigny</i>	(64 anos)
<i>Helena</i>	(sobrinha de Maria, 25 anos)
<i>André de Martigny</i>	(filho de Maria, 30 anos)
<i>Francisco</i>	(creado, 70 anos)
<i>Um coronel</i>	(alemão)
<i>Um capitão</i>	(")
<i>Tenente Weber</i>	(")
<i>Tenente Fanz</i>	(")
<i>Um sargento</i>	(")

A ação passa-se em França. Um solar, n'uma província invadida pelos alemães. Atualidade.

ATO UNICO

A cena representa o salão d'um solar, n'uma província do nordeste da França. Mobiliário antigo, pesado, sombrio. Ao fundo duas grandes janelas d'onde se veem as arvores do parque. Da da direita a vista prolonga-se até longe. De cada lado da cena duas portas. Na parede do fundo o grande retrato a óleo d'um militar. Uma mesa no primeiro plano, um pouco á direita. Um piano, poltronas, «tagères», um grande relógio e duas grandes serpentinhas sobre o marmore do fogão, ao meio da parede da esquerda.

CENA I

Maria de Martigny, e Helena

(Quando o pano sóbe Maria está sentada á E. n'um «fauteuil». Ao F., Helena olha inquieta através dos vidros da janela da D.)

Maria—Então?

Helena—Não se ouve nada, agora. Mas na ponte ha sempre muita gente que passa, correndo.

Maria—E' o povo das aldeias que eles invadiram.

Helena—Devem então estar perto para que ele fuja assim.

Maria—Oh, talvez não. Essa pobre gente assusta-se. Basta que um grite «Lá vem eles!» para que todos fujam.

Helena—(sempre inquieta)—Que noite horrível! Esse barulho do canhão! E os sinos? E os gritos?

Maria—Mas não. Como podias tu ter ouvido gritos?

Helena—Ouvi, sim, minha tia!

Maria—A batalha era longe.

Helena—Da janela do meu quarto viam-se as labaredas. Muitas casas arderam!

Maria—O Francisco, quando vier, vae trazer-nos novidades.

Helena—Meu Deus! esta guerra, que desgraça! (Tem-se aproximado de Maria. Vem sentar-se junto d'ela).

Maria—Deus permita que o inverno não venha como em 70, para matar de frio os que escaparem das ba'as d'esses barbaros!

Helena (prestando atenção, como se tivesse ouvido al'uma coisa)—Escute!

Maria—Que é?

Helena (aterrada)—Ouviu?

(Com efeito com'ça-se ouvindo distintamente o ruído do canhão. Depois um tiroteio que se aproxima cada vez mais).

Maria—O quê, doidinha! Socega!

Helena—Mas juro-lhe que ouvi. E ainda agora: E' o canhão! São eles! Eles vem! Ah! que vai ser de nós, minha tia... E o Francisco sem chegar!

Maria—Mas é que é longe! Ele teve de ir á vila. Tudo por aqui está fechado.

Helena—Olhe! oiça! E aproximam-se. Ouvem-se os tiros!

Maria—Tu estás excitada. Estas noites sem dormir.

Helena—Ha uma semana que quando fecho os olhos só oiço tiros e só vejo coisas horrosas! Os feridos! Os mortos! Casas a arder! Que vida de inferno! E André, onde estará ele?

Maria—Ah! meu Deus, sei lá! Pobre pequenito! Deus o proteja.

Helena—Alguem... no corredor!

Maria—Mas é o Francisco, tontinha! (A porta abre-se; entra Francisco).

CENA II

Os mesmos e *Francisco*

Helena—O que ha? São eles?

Francisco—Oh! os malvados avançam. São muitos. Os nossos batem-se como leões!

Helena—Meu Deus!

Francisco—F o paião está lá!

Helena e *Maria*—André?!

Francisco—Sim.

Maria—Tens a certeza?

Helena—Onde o viste?

Francisco—A' entrada da vila. A' frente d'um destacamento. Coberto de poeira.

Helena—Está então na batalha?

Francisco—Oh! estão lá todos. Mas não tenha medo, menina! Nós havemos de dar cabo d'eles. São uns covardes. Só se batem a quatro contra um e escondidos que nem a gente lhes põe a vista em cima. Aqui onde me vê matei muitos em 70 e, apesar de velho, ainda d'esta feita me não consolarei se não afocinhar algum.

Maria—Não digas tolices, Francisco, tem prudencia.

Francisco—Ahi para o norte (estava na loja um cabo a contar) tem queimado tudo, e arrasado as egrejas, e fuzilado os «maiores». Põem as mulheres e as creanças á frente para que os nossos lhes não possam atirar em cima. Bandidos!

(O tiroteio, que já vem de perto, aproxima-se cada vez mais.)

Helena (junto da janela.) — Olhem, veem lá, (Francisco e Maria aproximam-se) lá em baixo, sobre a ponte! São eles! São eles! Batem-se! Os que caem! (Fugindo da janela, enquanto os tiros se ouvem cada vez mais repetidos.) Eles veem! Eles veem! Meu Deus! Meu Deus! (Cae sobre uma cadeira, a soluçar.)

Francisco Vou buscar a espingarda.

Maria—Não, espera!

Helena—Não saias d'aqui!

Maria—Fecha as janelas!

(Ele fecha as portadas das janelas, os tiros ouvem-se menos. Longo silencio. Maria está junto do fogão à esquerda, Helena perto d'ela. A sala está quasi na obscuridade. Ouvem-se largos passos no corredor. Francisco põe-se deante das mulheres. Faz-lhe sinal para que se caem. A porta abre-se.

vila o caminho está livre. Nós temos lá a artilharia. Sa'am pela porta do fundo da quinta! Eu saltarei o muro. Mas já!

Maria—Mas eles irão alcançar-te!

André—Vamos!

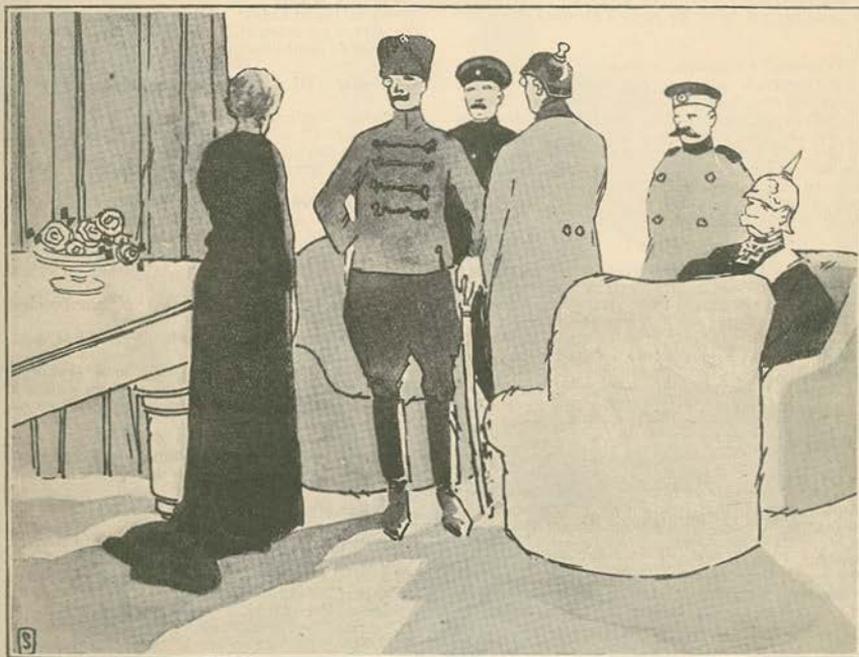
(Maria parece refletir um instante. Fóra os tiros são cada vez mais espaçados. Dentro de alguns minutos não se ouvirá mais nada).

Maria—Vae tu! E Helena e o Francisco! Eu fico.

André—Mas é uma loucura!

Maria—Não, eu quero. E' preciso dar-vos tempo. Demoral-os aqui. Nada receiem. Meu filho, adeus!

André (beijando-a)—Mamá! (Sae pela E. baixa).



A' claridade que vem d'ela vê-se André que aparece, o uniforme de oficial francez esfarrapado, a cara em sangue).

CENA III

Os mesmos, *André de Martigny*

(Correm todos para André)

Helena—André!

Maria—Meu filho!

André—E' preciso fugir! Já! Helena, tu, todos! Eles veem ahí! Aiguns vinham perto. Devem ter-me visto entrar.

Maria—Estás ferido?

André—Não é nada.

Helena—Mas como foi?

Maria—Tu sofres?

André—Não ha tempo a perder! Já! Do lado da

CENA IV

Helena Maria, e Francisco

Helena (a Maria)—Mas vais ficar aqui, sózinha!

Maria—Eu irei lá ter, á vila.

Francisco—Venha então, minha menina! Eu ponho-a em logar seguro e volto já buscar a senhora.

Maria—Logo! depois! não te exponhas assim.

Francisco—Oh! as balas não querem nada comigo. Vamos lá!

(Saem pela E. baixa. Maria vai abrir as portas das janelas. A sala fica iluminada menos intensamente que ha pouco. E' já tarde. Aproxima-se o crepusculo. Enquanto Maria abre a janela da E. demorando-se um pouco a olhar o jardim, os

oficiais alemães entram pela porta que André, entrando, deixara aberta. Ficam um momento a olhar para um lado e outro, um tanto inquietos. O tenente Weber demora-se a examinar o puxador da porta e fecha-a depois. Ao ruído Maria volta-se, vê-os e vem direita a eles que se conservam com os capacetes, exceto o tenente Franz que se descobre).

CENA V

Maria, Um coronel, Um capitão, Tenente Weber, Tenente Franz

Coronel—O dono da casa, minha senhora?

Maria—A dona da casa sou eu: Maria de Martigny.

Coronel—(inclinando-se, ainda sem se descobrir) Ah!

Maria—Façam o favor de se sentar! (Indica-lhes as cadeiras em torno da mesa à direita).

(O coronel e o capitão sentam-se. Os dois tenentes percorrem a sala, experimentando as portas, inspecionando tudo. O coronel segue-os sempre, discretamente, com o olhar. D'esses dois tenentes um tem um aspeto modesto e correto, dir-se-ia mesmo que faz o seu ofício com uma certa repugnância ou uma certa tristeza: Franz. O tenente Weber, de cara rapada, monoculo, alto colarinho, impertigado, espartilhado, irritante, tem a «morgue» habitual do officialete alemão).

Coronel—Admirável propriedade a sua, minha senhora! Acabamos de atravessar o parque, que é uma pequena maravilha. Deve viver-se aqui bem.

Maria (dominando-se) —Viveu-se aqui bem.

Coronel—Viveu-se e viver-se-ha ainda. A paz ha de voltar a estes logares como a toda a parte.

Capitão—Com uma ordem maior.

Coronel—Uma disciplina mais perfeita. (Para Franz, chamando Franz! (Para Maria n'outro tom). Penso que estamos aqui em segurança.

Maria—Oh!

(Os dois tenentes suspendem as suas pesquisas quando o coronel chama Franz e aproximam-se dos outros officiaes. Os dois continuam de pé, como de resto, Maria. Só o coronel e o capitão estão sentados. Esse capitão é o tipo do tarimbeiro brutal e boçal. O coronel é um homem culto, segundo a concepção germanica. Conhece-se que desejaria ter espirito e faz, em momentos serenos, evidentes esforços para não ser brutal).

Tenente Weber—Perdão, meu coronel. Seria oportuno talvez, perguntar à senhora de Martigny se seu filho, o tenente André de Martigny... está longe.

Coronel—Ah! a senhora tem um filho oficial?

Maria—Mas...

Tenente Weber—Pertence a um regimento, o 104 de infantaria, que ha pouco atravessou a aldeia em debandada.

Maria—Não é verdade!

Tenente Weber—Oh, sim. E' tudo quanto ha de mais exato. Eu conheço muito bem o sr. de Martigny. Em tempo de paz ele era o engenheiro diretor da fabrica que se vê perfeitamente d'aqui. (Aproxima-se da janela D. e indica). Acolá!

Maria—Como o sabe o senhor?

Tenente Weber—Minha senhora: olhe bem para mim. A falta de bigode, o monoculo (de xa-o cair para o repôr passados alguns instantes) modificou-me um pouco. Comtudo...

Maria (Julgando reconhecê-lo)—O senhor é...

Tenente Weber—Sim, Jorge Weber, ha seis meses ainda guarda livros do sr. de Martigny, que aliás deixei nos melhores termos.

Maria—Sr. Weber, reconheço-o agora. Algumas vezes o senhor jantou aqui connosco. Deve conhecer bem esta casa...

Tenente Weber—Oh! tudo isto me é familiar!...

Maria—Estava bem longe de pensar...

Capitão—Oh! é a guerra. Ela é cheia de imprevisos, como dizia ainda hoje o nosso general.

Maria—Vou dar-lhes luz. Vê-se aqui mal.

Coronel—Oh! não se incomode.

(*Maria sae pela E. alta deixando a porta aberta. Weber vae a janela da E. fundo, abre-a cautelosamente, demora-se alguns instantes, depois fecha a porta jóra.*)

Tenente Weber—Sou eu. Nada de novo?... Todas as saídas tomadas?... Bem! (Volta para junto dos outros no momento em que Maria entra com um grande candieiro de petroleo que poisa sobre a mesa).

Coronel—Não tem então noticias de seu filho?

Maria—Nenhumas.

Coronel—E' extranho, comtudo, que tendo aqui passado a não viesse abraçar.

Maria—Ignorava por completo que passou aqui.

Tenente Weber—O seu regimento foi dizimado (Procurando vêr o eito das palavras em Maria). Lá baixo, perto da ponte, ha montes de cadaveres. Eram eles, os soldados de seu filho, que queriam impedir-nos a passagem. As nossas metralhadoras va reram-n'os.

Capitão—Entre tantos mortos é bem possivel que esteja o sr. de Martigny.

Maria—Terá sido a vontade de Deus! (Um silencio).

Coronel (levantando-se)—Bem, meus senhores, partimos? (Os outros interrogam-no com o olhar).

Maria (vivamente)—Mas, meus senhores: eu espero as suas ordens.

Coronel (sorrindo)—Não é o momento de usar do direito de guerra. Nós partimos dentro de algumas horas. Teimos um pouco de repouso em qualquer parte.

Capitão (com ironia)—A mãe de um camarada merece-nos toda a consideração.

Maria (inquieta por ver que eles vão já partir)—Permittem-me então que lhes ofereça alguma coisa?

Coronel—Mas, minha senhora.

Maria—Peço-lhes!

Coronel—Pois sim. Realmente temos a garganta seca. (Rindo). E' da polvora, sabe? (Sentando-se de novo, bem como os outros. Tiram finalmente os capacetes que poisam sobre a meza).

Maria—Dão-me licença?

Capitão—Mas, se a adega é perto, um de nós poderá...

Maria—Oh, não! Os senhores são meus hospedes. Eu mesma vou servir-os.

Capitão—Seja!

Tenente Weber—Mas, diga-me, minha senhora, está aqui só?

Maria—Só.

Tenente Weber—Sua sobrinha?

Maria—Partiu ha muito.

Tenente Weber—Francisco?

Maria—Mandei-o hontem à cidade. Ainda não voltou. Não pondei decreto.

Tenente Weber—Ah!

(*Maria sae pela E. alta*)

(Conclue no proximo numero).

Dr. Afonso Costa



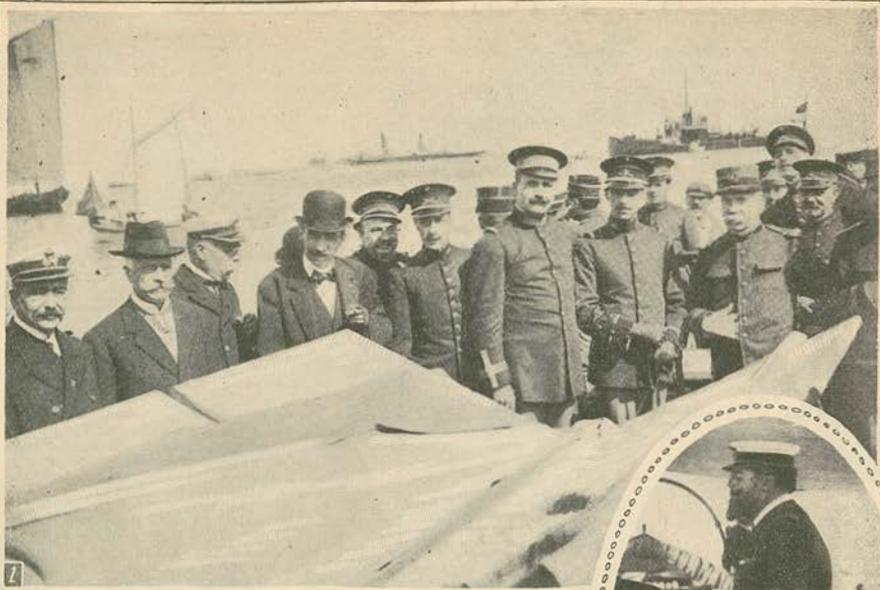
O sr. dr. Afonso Costa no seu quarto do hospital de S. José

Encontra-se já no conforto do seu querido lar, por que ele nunca deixou de anciar ainda nas horas do mais absorvente e atroz sofrimento, o sr. dr. Afonso Costa. A' casa do ilustre estadista continua a extraordinária romaria de amigos e de admiradores, muitos d'elles vindos de bem longe, e continua a recepção de milhares de cartas e telegramas, como outras tantas notas comovidas de alegria pelo seu restabelecimento.

A satisfação é geral e só comparavel á angustiosa anciedade que oprimiu o paiz durante os longos dias

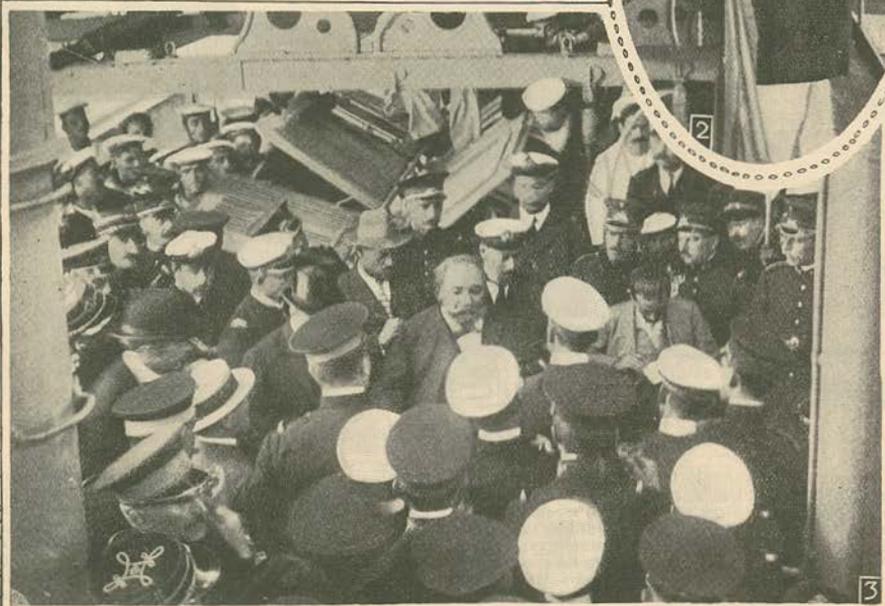
que ele pendeu entre a vida e a morte. Se ha homens que chegaram á beira da eternidade e tiveram a perfeita visão do que seria a sua glorificação postuma, o sr. dr. Afonso Costa é seguramente um d'elles. Deve-o ter comovido profundamente a colossal afirmação de simpatia e de respeito que se ergueu em volta do seu leito de enfermo; mas não lhe deve ter avivado menos as suas responsabilidades de homem de governo para com um paiz que faz d'ele tão alto conceito e tem n'ele tão arreigada confiança.

Festa de confraternização a bordo do "Vasco da Gama"



1. Os convidados indo para bordo do *Vasco da Gama*, entre os quaes se veem os presidentes do senado e camara dos deputados e officiaes do exercito de varias patentes.

2. O sr. Leote do Rego falando aos seus convidados.



O presidente do ministerio e ministro da marinha sr. dr. José de Castro, entre os officiaes de terra e mar, responde ás palavras do sr. Leote do Rego.

(Clichés Benoiel).



As mães

A febre d'exterminio horrivel, contagiosa,
Assola a Humanidade. Em convulsão nervosa,
O Homem dementado, em delirio tremendo,
N'uma crise feroz, congestionado, horrendo,
Inspirando pavor, seu semelhante mata;
E a tiros de canhão destroe e desbarata!

Das velhas catedraes, soberbos monumentos,
ficam ruínas só, em funebres momentos;
Emquanto o ar ferido ecoa com fragor,
Abafando potente os gritos de terror
Das vítimas que caem varadas pelas balas,
E já nem tem logar nas atulhadas valas!

Poi a Guerra Moderna em toda a hediondez.
A guerra que o Progresso infernalmente fez,
Que se manifestou como uma epidemia,
Vilissimo fatal, tantas vidas por dia!

Comtudo, a raça al'má ainda insatisfeita,
Desdenha do canhão; *uma coisa imperfeita!*...
—Ceifar homens em massa, aos centos, aos montões,
Era o supremo ideal dos barbaros teutões;
Que encontraram emfim no gaz asfixiante,
O meio de *vencer* o inimigo distante!...

E de facto, milhar's de valentes soldados
Fôram mortos assim enquanto insaciados
Os cultos alemães envenenavam fontes,
E rios que, descendo e serpoando os montes,
Iam abastecer em terríveis jornadas
De pura e fresca l'na as hostes aliadas.

resumem-se pois n'isto, os infames processos
Que aos alemães tem dado efemerus successos:
—Violar com cinismo o direito das gentes,
—Matar ignobilmente os fracos e inocentes,
—Ou vencer á traição os homens valerosos!
E' esta, é esta só, dos filhos criminosos
Da nação que eu comparo á traçoelra aranha
E á astuta raposa e que se chama Al'manha,
A tática perversa, infame, desleal,
Vergonhosa, cobarde, ignobil, —imoral!

Que eu não ignoro, eu sei que corre um grave p'rgo,
O que poupa na guerra a vida a um inimigo!...
Mas, ai, que nome tem o que creanças maia,
n'uma furia cruel, selvagem, insensata?
Que nome tem, meu Deus, que nome pôde ter!...
E' mais que monstro, sim, nem nome tem sequer!...
Como esquecer tambem da orgulhosa Germania
O atentado hediondo ao vapor *Lusitania!*...
Oh, vergonha sem par d'Alemanha moderna,
Na Historia viverás, serás por isso eterna!

E Guilherme segundo, o louco imperador,
Que semeou infame a Guerra, — a imensa dôr,
Legará ao Futuro um nome enodado
De sangue e d'ignominia! O teu sonho doirado,
—Avassalar o Globo e *reinar no Universo*,
E' té uma irrisão, oh, tirano perverso!
Como um Napoleão pequenino e grosseiro,
Tu morrerás talvez, bem longe, prisioneiro!...
Porque a soberba Al'manha ha de ficar vencida:
Sem prestígio moral, p'ra sempre enfraquecida!...

Mas que desolador será o despertar
Do pezadelo atroz, quando a razão voltar,
E com ela tambem a Paz tão anciada
Que por desgraça está talvez tão afastada?!...
Todas essas nações que se batem agora
N'um delirio feroz, por essa Europa'zôra,

Exaustas ficarão; muito tempo doentes,
Cangaçadas, a cair, como convalescentes!
Quantos anos d'atrazo, ai, quanto retrocesso,
Trará á Humanidade a Guerra do Progresso!

Que triste, constatar que o Homem Sec'lo Vinte,
Por muito sedutor que a Atualidade o pinte,
Requitado no Mal e na ambição eterna,
E' de facto peor que o Homem da Caverna!...
E, quando n'isto cismo, eu penso envergonhada:
—E quem sabe, afinal, se a Mulher é culpada
Em grande parte, sim, d'esta calamidade
Que avassala e destroe, e ceifa a Humanidade?...
Pois quem perdeu Adão, segundo a lenda antiga?!...
Poi a sua Mulher, foi Eva, a sua amiga!...
E a velha tradição não quererá mostrar
Que *Eva* semeia o Mal, por vezes sem pensar?!...
Irmãs, não vos zanguels, e concordae comigo,
E' quasi sempre em nós que existe o enorme perigo!
Quanta mulher domina a sorrir o marido,
O filho muito amado, ou o irmão querido?!...
Se uma mulher assim não fôr muito bondosa,
Se fôr, pelo contrario, astuta e ambiciosa,
Não pôde ocasionar muita desgraça e dôr?!...
Que lhe recusarão os que lhe leem amor?!
Se ela quer triunfar e não tem coração
Ao seu cultivo igual, e á sua educação,
A desgraça é fatal: bem vêdes, Irmãs minhas:
Não me refiro pois, ás pobres, coltidinhas,
Que essas nem sabem ter sequer aspirações,
Moidas de trabalho e cheias d'afflições!
Apenas me refiro ás damas da alta ród,
Que sabem vestir bem, com elegancia, á moda.
Principalmente até, ás l'has da Nobreza,
Esposas do Poder, soberbas de riqueza.
—A' Mulher que pertence á Alta Sociedade,
E que nem sempre tem dos anjos a bondade.

E comtudo, ha um meio, — e simples por sinal, —
De deixarmos de ser no mundo o *Eterno Mal!*
Está nas vossas mãos, oh! Mães da Humanidade,
A Paz Universal, — e mesmo a Liberdade!...
O amor vos iguala, humildes ou potentes,
Se afagais com ternura os meigos inocentes
Que vossos filhos são! Vós todas sois divinas,
Quando beijaes sorrindo as buças pequeninas
Dos meigos querubins; ou quando o leite puro
Dos vossos peitos daes aos homens do futuro!
Tendes pois a cumprir uma missão sublime!
—Vós podeis evitar a Guerra, — o hediondo crime!...

Que toda a Mãe ensine ao pequenino ser,
Que apenas balbucia, o sagrado dever
De respeitar amando a todo o semelhante!...
—Ele verá mais tarde um crime horríplante!...
Desprezível, cruel, de roubo e d'assassino,
Na sangrenta ambição de riqueza e dominio
Que leva o Homem são ao campo de batalha
P'ra matar e ser morto, a fogo de metralha!...

Ninguém deve esquecer que uma Patria, afinal,
E' na verdade um lar, sagrado, colosso,
Onde trabalha e vive, e em descanso dorme,
Uma grande familia, uma familia enorme!...

E' ladrão-assassino, o monstro abominavel
Que assalta um lar bendito e sempre inviolavel
Para roubar, matar!... Oh, Mães, da esse nome
Ao que semeia infame a Guerra, — o luto, a fome!

Porto, 1 de julho de 1915.

ESMERALDA DE SANTIAGO

O Velho Mundo em guerra

Parece chegado o momento do Novo Mundo entrar no conflito, realizando-se a hipotese ameaçadora de uma conflagração universal. As notas trocadas entre os Estados-Unidos e a Alemanha não fizeram mais do que afirmar a simpatia da grande república norte-americana pela nobre causa dos aliados, bem como o proposito de não ceder a blandicias diplomaticas nem a ameaças de submarinos, e a obsessão do imperio germanico em atropelar todos os principios da humanidade e dos direitos das gentes.

A Alemanha, taxando de concessões o respeito que se lhe exige pelos navios das nações neutras, diz que fazer mais do que as

que tem feito equivaleria a uma humilhação e que, por conseguinte, a guerra submarina tem de proseguir inalteravel, isto é, contiuará a meter no fundo navios de passageiros, como o «Luzitania» e outros, que nem uma só arma de defeza traziam a bordo.

Os Estados-Unidos, como derradeira resposta, aumentam o seu exercito de reserva com mais 500.000 homens, projetam a construção de 50 submarinos e varios cruzadores de batalha, pedindo um credito

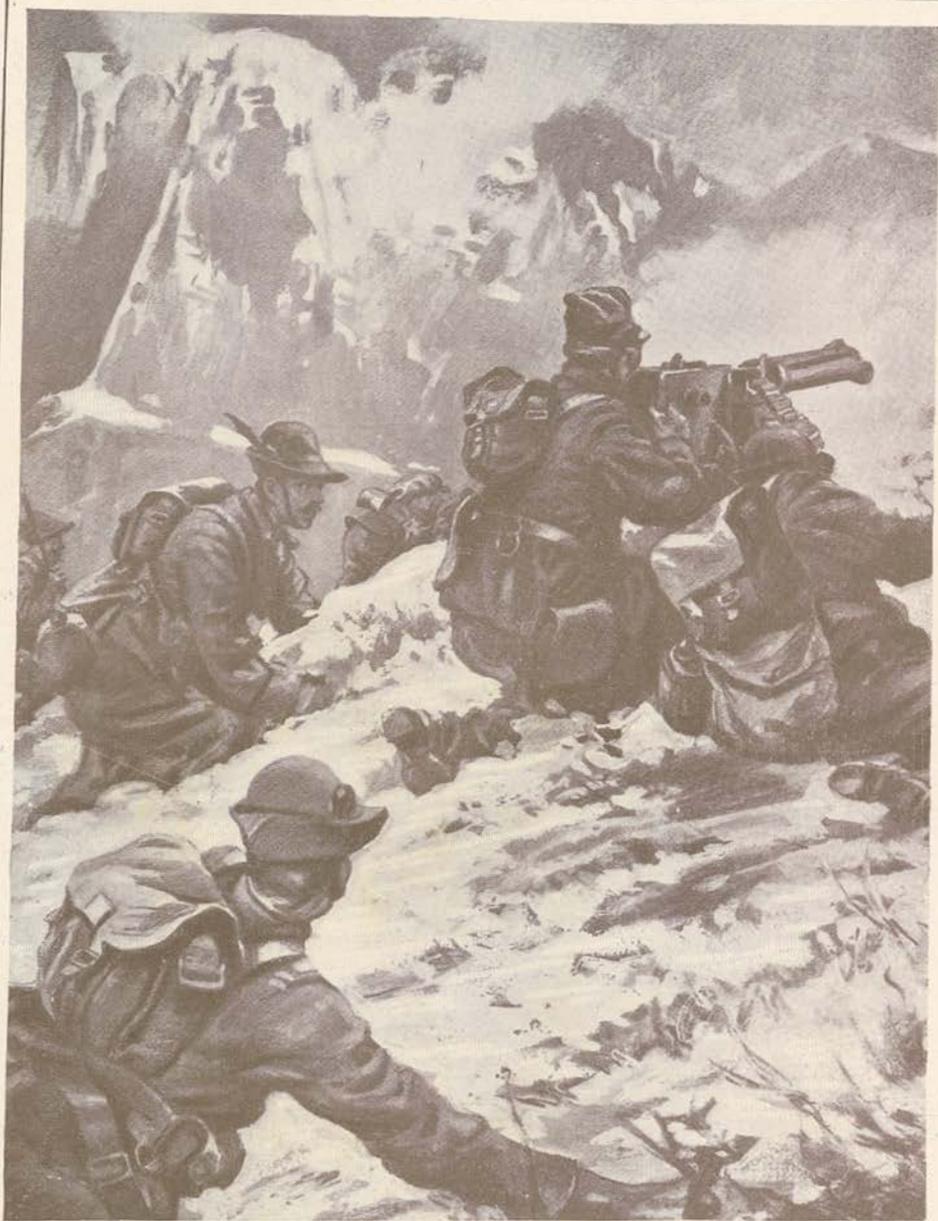
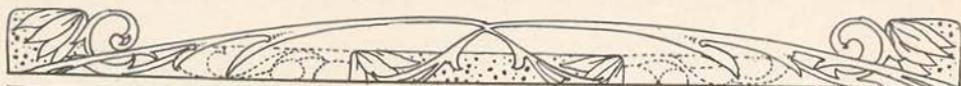
de 250 milhões de dollars pelo ministério da marinha e 200 milhões pelo da guerra. O presidente Wilson trata de acelerar o mais possivel o seu programa, levando-nos a concluir que a Alemanha vae ter pela frente mais um rude adversario, que por tanto tempo ela tentou manter neutral e cuja entrada no conflito abreviará a sua liquidação que não poderá deixar de ser esmagadora para os odiados imperios centraes.

Os comandantes das forças anglo-francesas que operam na península de Galípoli, general sir Ian Hamilton e general Gouraud





Luta entre alemães e belgas



Em Monte Nero. — As tropas alpinas dos italianos continuam a operar contra os austriacos de uma forma assombrosa pe-

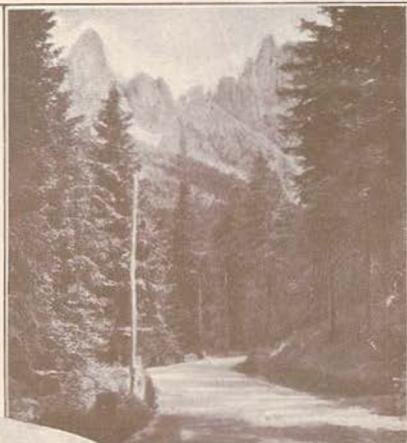
la certeza do tiro e pelas posições que conseguem tomar até nos pincaros das rochas.



Rombo feito no costado de um navio por um torpedo da força-do que afundou o «Lusitania»—(Illustrated London News)



1. A artilharia inglesa destruindo as trincheiras alemãs no assalto de Braunkopf
2. Os franceses, tendo tomado uma trincheira aos alemães, servem-se das armas d'este; para os combater



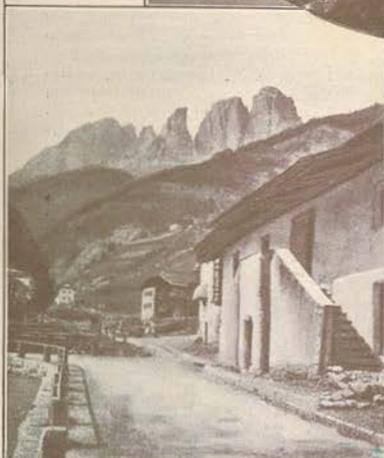
A fronteira italo-austriaca no Tirol

Esta pagina representa alguns aspectos da fronteira do Tirol, que os austriacos teem ultimamente tentado atravessar, pois que é o unico ponto pelo qual ainda lhes póde restar alguma esperança de



entrar em territorio italiano.

Sucessivos combates se teem dado n'essa região de uma paisagem surpreendente, sem que todavia um só seja favoravel ao inimigo, dando-o as ultimas noticias como prestes a desistir d'esse empreendimento.



1. Corina d'Ampezzo tomada pelos italianos — 2. Uma estrada de S. Martino a Castrozza — 3. O monte Brione dos Alpes que domina o Gardasce — 4. Campitello ao vale de Fassa — 5. Uma passagem no Sextmer

NICE EM TEMPO DE GUERRA

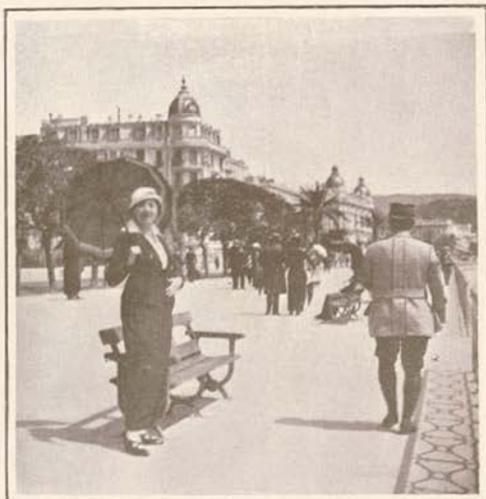
A Ilustração Portuguesa tem o prazer de oferecer aos seus leitores a tradução d'um interessante artigo inédito, para as suas páginas e especialmente escrito por uma jovem e já ilustre escritora francesa: Mademoiselle Stella Croissant. É uma impressão de Nice cheia de colorido e de brilho como esse adorável recanto da linda terra de França.

... Ela parece-me n'esta primavera de guerra, tão brilhante, luminosa e florida como nas outras primaveras. As suas flores descem das varandas, em cachos, em cascatas de todas as cores, de todos os perfumes e dir-se-iam, ao longo da costa, cerrar n'uma cadeia enebriante os pés azues do mar. Atraz das «vilas» pontuando de manchas alegres o flanco das montanhas, os olivais, inundados de luz, embranquecem sob a claridade crua do ceu. A' tarde, a atmosfera carregada d'aromas das plantas que aqui tem todas um perfume de pimenta, de sol e de mel, é cheia de doçura; depois a noite vem e, com ela, nos campos o estranho concerto das rãs que cantam e gritam com o calor.

E parece-me ainda mais tranquila, mais carinhosa esta Nice que acolhe os nossos queridos feridos e reserva para eles sós todos os seus sorrisos, toda a sua doçura, toda a sua beleza. Para eles, transformou em hospitaes os seus grandes «Palaces» e as suas mais belas «vilas» rodeadas de jardins de palmas e laranjas; e eu posso ver os doentes instalados junto das grandes janelas abertas para a luz ou debruçadas nos terrenos floridos de rosas. E' a eles que pertencem agora os parques maravilhosos onde erra o perfume dos eucaliptos em flôr, onde os falsos pimenteiros deixam tombar a cabeleira delicadamente frisada, ornada de bagos côr de rosa. Pelas aleas de areia fina, bordadas d'iris negros, que habitualmente pisavam pequenos pés de mulher, passeiam os feridos; muitos d'elles tem os braços carregados de flores e se não fossem alguma cabeça atada, alguma perna arrastando, algum rosto pallido, tomá-los-ia, com os seus grandes chapéus de palha e os seus «pyjamas» claros, por capitalistas pacíficos e satisfeitos.

E' que os seus rostos de convalescentes respiram a alegria de viver; o encanto do lugar opéra já e, sem duvida, muitos d'esses bravos que, antes da guerra, parisienses dos

bairros pobres ou rudes lavradores, nuncam tinham saído da fabrica ou do campo natal, e todos os «poilus» tendo passado o inverno na lama glacial das trincheiras, imaginam sonhar um lindo sonho vendo-se transportados a esta terra encantadora, a



Um glorioso amputado na Aradi onelle, passeio dos inglezes

este recanto do paraíso que é tambem um recanto da terra de França. Possa esse sonho ser assás belo para lhes fazer esquecer tudo o que sofreram!

Como nos outros anos, na mesma epoca, encontro muita gente de manhã e ao pôr do sol no Passeio dos Inglezes. Não obstante o tradicional passeio tem um aspecto imprevisível e, pela minha parte não me desagrada nada não encontrar lá esses bandos «boches», de craneos côr de



N'este canto abençoado da França tudo dá aos feridos a doce illusão da sua patria

rosa e grossas panças que tanto o estragavam n'outros tempos. Cruzo lindas mulheres que por um momento deixaram o branco uniforme d'enfermeiras, officias inglezes d'uma robustez elegante, officias francezes cingidos e brilhantes; ha entre eles alguns a

quem falta um braço ou uma perna e que apesar d'isso sorriem e que tem tão bom aspecto como os outros. O meu coração contrae-se, mas é preciso que nós, as mulheres, sorriamos e, para que eles não possam ver as nossas lagrimas, olhemos com ternura e orgulho o «ruban rouge» que guarnece os seus peitos de heroes...

A animação é grande na rua principal de Nice ás horas em que os jornaes afixam os telegramas chegados de Paris; a multidão comprime-se e comenta com febre o comunicado do dia; operarios de olhos negros e perfis de medalha antiga falam no dialeto sonoro de Nice que é feito d'uma mistura d'italiano e provençal; discutem com gestos expressivos e muitas vezes vem aos seus labios com um acento apaixonado o nome: Italia!

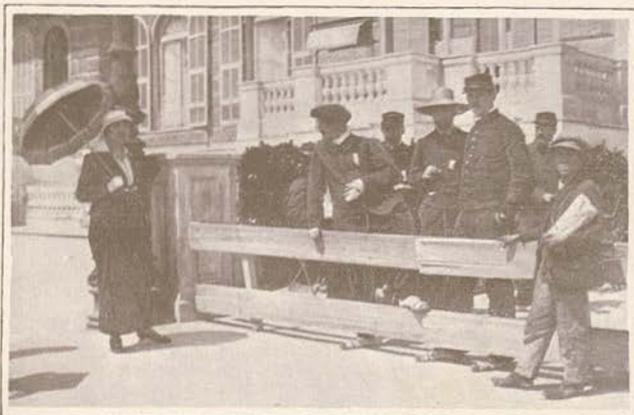
... De regresso de Menton, pela adoravel cornija d'onde



Os que lhe faltam um braço ou uma perna sorriem como os outros



As mulheres sorriem muitas vezes aos feridos para occultarem as suas lagrimas



Os grandes palacios de Nice transformaram-se em hospites para os feridos

se vê o azul do mar sob os jardins que ela domina, um barulho ensurdecedor e bizarros gritos me atraíram a atenção. Espreitando através da verdura pude crer-me de repente transportada a uma floresta equatorial: um bando de sêres negros, semelhantes a grandes

macacos folgazões rebolando-se n'essa verdura, tomavam a ilusão completa. Reparando melhor reconheci ser um acompanhamento de soldados senegaleses que aguardando a partida para os Dardanelos, se tinham ali instalado como n'uma das suas aldeias proximas de Dakar cuja visita, no decurso das minhas viagens, tanto me interessara. Despreocupados e alegres, os negros dançavam e cantavam, um d'eles batendo o compasso n'um utensilio de cobre, outros estendidos sobre a relva fumando o seu cachimbo.

E para esses tambem é benéfico este recanto bemdito da França, dando-lhes a ilusão da patria auzente pela magia do seu sol, do seu céu e das suas flores.

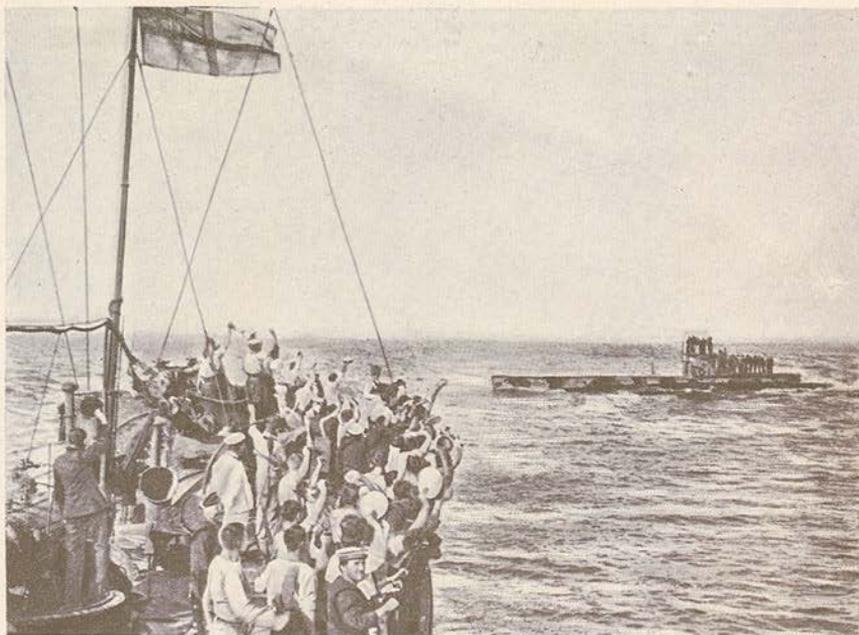
Nice, primavera de 1915.

STELLA
CROISSANT.





O valente regimento de Manchester conquista a aldeia de Givenchy por assalto, expulsando d'ela os alemães



O submarino inglês E-11.—Conseguindo percorrer todo o Estreito dos Dardanelos, apesar da vigilância e do fogo dos turcos, o submarino inglês E-11, do comando do valente oficial M. E. Nasmith, chegou a penetrar no Mar

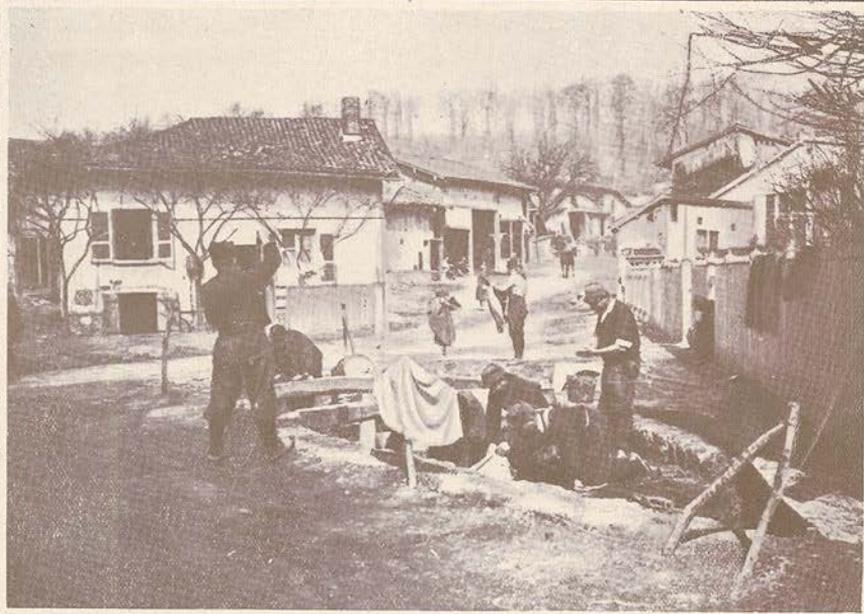
de Marmara destruindo uma grande quantidade de embarcações turcas. Esta fotografia representa o regresso do barco, acolhido com as mais entusiásticas manifestações de regosijo.



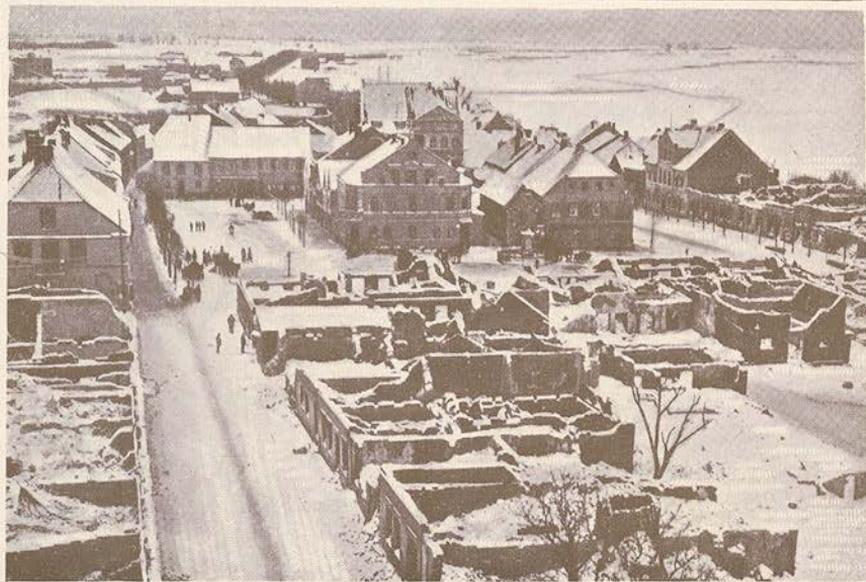
Artilharia inglesa varejando um acampamento turco em Galipoli



A foz e o vale do rio Isonzo, onde os italianos teem ganho brilhante vitorias sobre os austriacos



Na Argonne: Os soldados lavando as roupas brancas n'um tanque de aldeia
(Cliché Branger)



Na Galicia: Como ficou uma povoação depois do bombardeamento



Um trecho das trincheiras inglesas formadas por uma dupla fila de sacos de areia e que se prolongam na extensão de muitas ilhas



Patrulhas alemães surpreendidas pelo fogo das granadas

A conquista do Sudoeste Alemão



O valente gener! Botha, o conquistador do Sudoeste Alemão, com sua esposa e filhos

O nome do gener! Botha creou grande prestigio desde a guerra do Transwal e esse prestigio dobrou pela lealdade com que ele tem servido o governo da

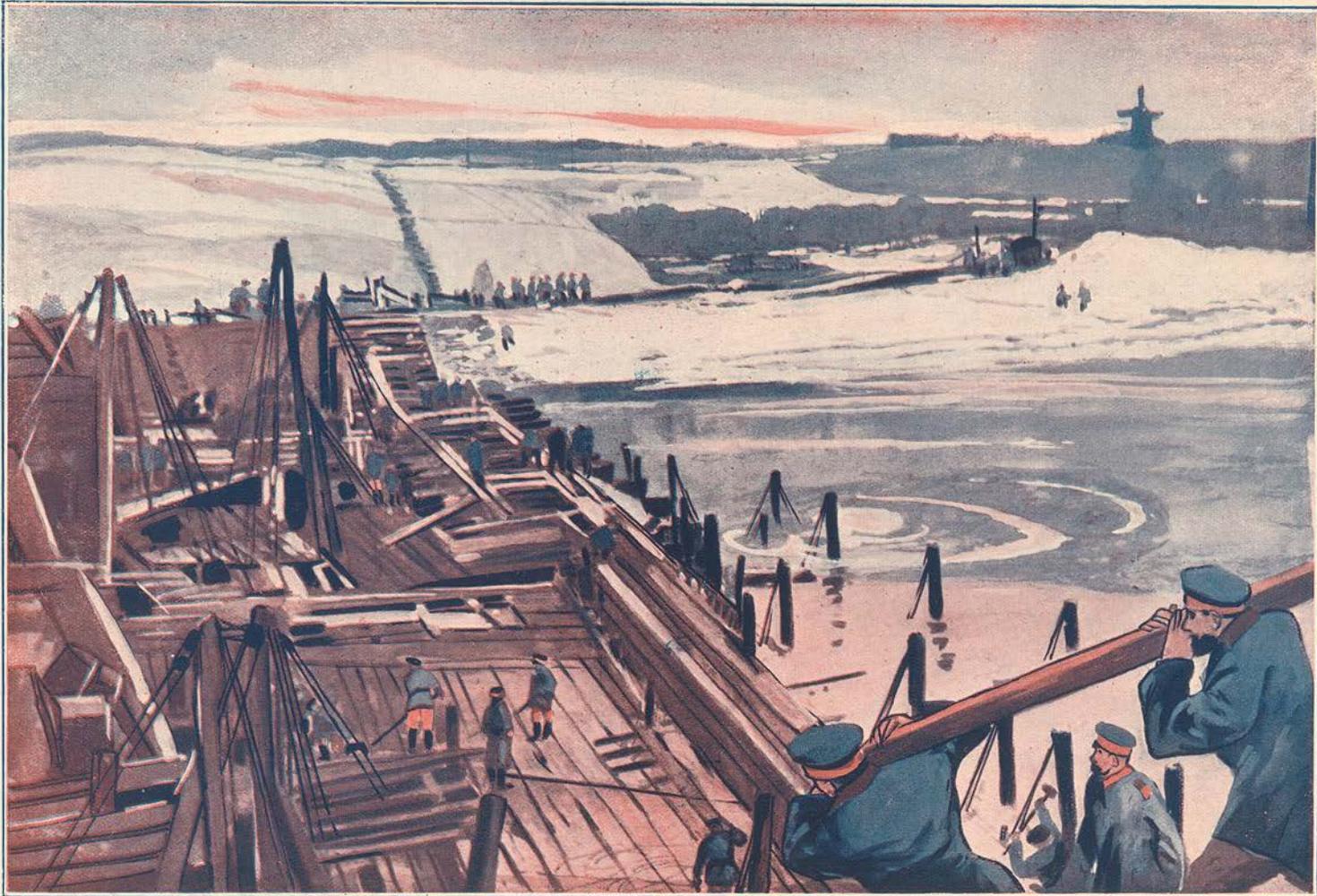
Africa do Sul, propondo-se a dura empreza de conjurar o perigo alemão na Africa, o que conseguiu conquistando toda a colonia alemã do Sudoeste.



Metralladoras e munições apreendidas aos alemães.



Primeiro destacamento de carabineiros que circulou na nova linha ferrea entre Walfisch e Swakoponand



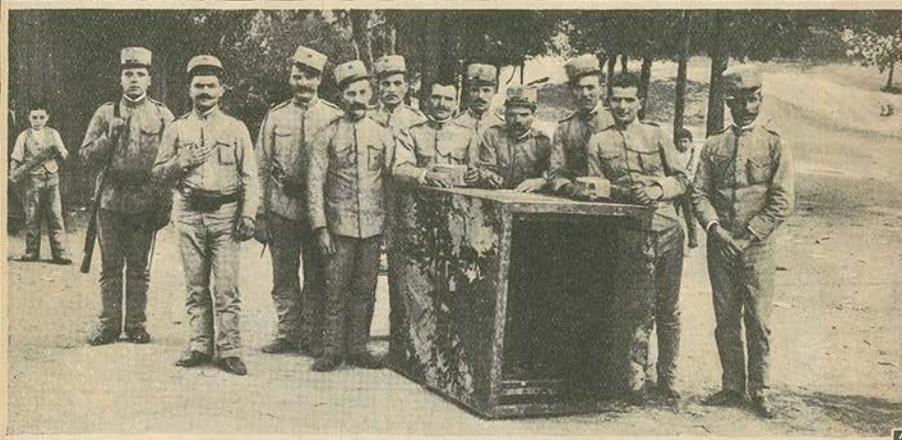
Construção de uma ponte sobre o rio Weichsel

A QUESTÃO DURIENSE

Apesar dos esforços das autoridades e dos vultos mais importantes que se colocaram á frente do movimento de protesto do norte contra a ratificação do tratado de commercio com a Inglaterra, ainda se cometeram excessos que nada justificavam.



se todos em massa á sede do concelho, arrombaram as portas do edificio onde estavam as repartições publicas, trouxeram para fóra todos os papeis e lançaram-lhe fogo, vindo-se d'ali a nada tambem e n'volto em chamas todo o edificio de que



como a morte de muitos manifestantes em Lamego e o assalto ás repartições publicas em Santa Marta de Penaguião. N'esta vila o espetáculo foi profundamente desolador. Tendo-se espalhado o boato de que o governo não atendera a comis-



escaram ape nas as paredes. Os manifestantes tambem entraram nos Paços do Concelho, arrombando as portas, quebrando moveis e tentando egualmente deitarches fogo, o que não conseguiram graças ás diligencias do administrador do concelho

1. As ruínas da casa onde funcionavam a repartição de finanças e a recebedoria, vindo-se ao lado tambem incendiado um pequeno prédio, que servia de celeiro.—2. O cofre da recebedoria, que não foi arrombado, encontrando se carbonizados todos os papeis que tinha dentro. 3. A casa da camara com as portas e janelas partidas.—(Clichés do distinto fotografo sr. Joaquim Maximo de Loureiro, Regua).

são que do norte viera a Lisboa clamar pela defeza dos interesses durienses, os povos das freguezias dirigiram-

e do comandante da força armada, encarregada de manter a ordem.

OS VITICULTORES DO SUL

O projeto de lei, em que se procura salvaguardar os interesses do Douro, levantou protestos dos viticultores do centro e do sul do paiz. A questão que, mesmo limitada ao norte, tinha um aspeto grave, complicou-se agora encontrando-se o governo em embaraços para lhe dar uma solução conciliadora.



1. Os viticultores saindo da estação do Rocio
2. O ministro do fomento, sr. dr. Manuel Monteiro e o deputado sr. dr. João Barreiro



3. Os comissionados do Sul que foram ao parlamento entregar representações ao presidente da camara dos deputados
—(Clithés Benoliel).

NA TERRA DE DEU-LA-DEU

UM IMPORTANTE MELHORAMENTO



O major sr. Sá Cardoso falando ao povo da janela da administração

Como outras povoações do paiz, Monção vinha esforçando-se de ha muito por conseguir melhoramentos que colocassem a encantadora vila raiana á altura das suas gloriosas tradições historicas e da importancia que ainda atualmente tem, apesar de separada dos principaes centros commerciaes e industriaes, por falta de vias de comunicação rapida.

Era ardente desejo d'aqueles povos ligar a cabeça do seu

concelho com a linha ferrea do Alto Minho, emprehendimento relativamente facil, e por que vinham ha anos pugnando as classes e vultos de mais representação na terra, mas a que a malfadada politica ia opondo obs-

Jaime d'Oliveira, chefe do movimento, etc., etc.

Depois da sessão de cumprimentos aos ilustres visitantes, que foram recebidos na camara municipal pelos srs. João de Pinho, chefe do Partido Republicano Portuguez, dr. Manuel Evangelista da



Um aspéto da multidão enquanto falava o sr. Sá Cardoso

Silva, medico municipal, juiz e delegado da comarca, autoridades e outros cavalheiros de representação, dirigiram-se todos á administração do concelho, de cuja varanda o major sr. Sá Cardoso saudou o povo de Monção, pondo em destaque o alto beneficio que acabava de receber do governo da Republica, prometendo ao mesmo tempo estar sempre a seu lado para o defender e pugnar pelas suas legitimas aspirações.

Seguiu-se depois um magnifico almoço, a que assistiram to-



norama que Monção apresenta aos olhos deslumbrados dos visitantes.

Celebre já pelas suas aguas mineraes e pelos produtos do seu solo uberrimo, a terra de Deu-la-Deu tem como supremo encanto a sua paisagem maravilhosa e empolgante.

D'uma e d'outra banda do rio, tanto na margem minhota como na galega, a vegetação subjuga-nos pela sua profusão e variedade, parecendo que a Natureza se esmerou em reunir ali as suas mais delicadas e fascinadoras belezas.

Insensivelmente, ao contemplar a grandiosidade d'aquelle panorama de surpresa e de magia, acodem-nos á mente os versos deliciosos com que João Verde, uma gloria de Monção e de Portugal, o mais regionalista dos nossos poetas e talvez o mais poeta dos modernos cultores das musas, abre o seu livro admiravel intitulado «Ares da Raya», onde, em endechas do, oridas e d'uma sentimentalidade absorvente e penetrante, se



2

Cavalheiros que assistiram á inauguração da linha ferrea de Monção a convite da camara municipal:

Da esquerda para a direita: os srs. Carlos Brito, representante do governador civil do Porto; Jaime de Oliveira, chefe do movimento e Afonso Cabral, engenheiro de construção do Minho e Douro

2. A chegada do comboio inaugural a Monção

dos os convidados e o representante da «Ilustração Portuguesa», sendo-lhes no fim oferecido um esplendido passeio, em automoveis, aos pontos mais pitorescos da região — Melgaço, S. Gregorio e Extremo.

Banhada pelo formosissimo Minho, que o seu nome empresta á mais bela provincia do paiz, facilmente se póde calcular a grandezza e esplendor do soberbo e magnifico pa-



3



4

Alguns passageiros do comboio inaugural—Clichés do sr. Alvaro Martins).

Atravessando de Monção para Salvatierra na margem hespanhola

sente cantar a alma aventureira e sonhadora da nossa raça:

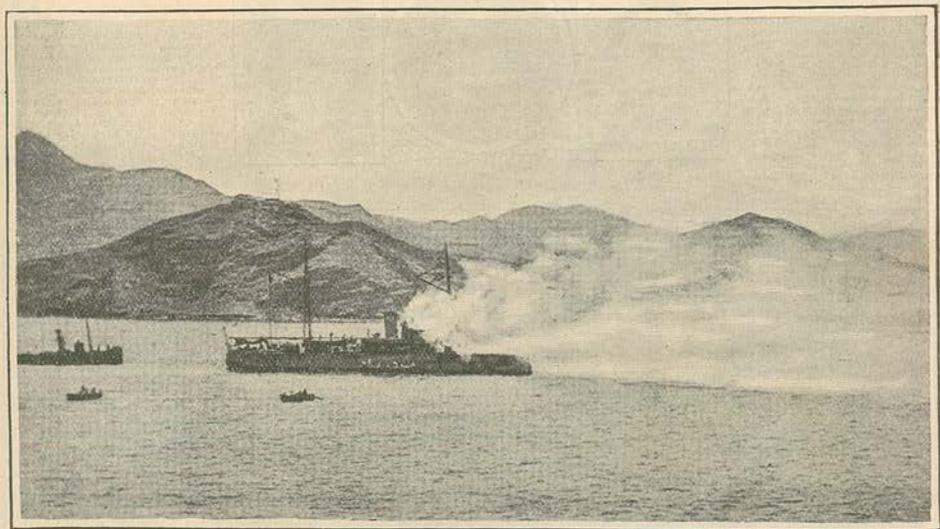
A Galiza e mal-lo Minho
São como dois mameirados,
Que o rio traz separados,
Quasi desde o nascimento,
Beizá-los, pois, namorar,
Já que os pass para casar
Ihe não são consequencia.

Porto, 1915.
S. M.

FIGURAS E FACTOS



1. O tenente sr. Armando Bahr Ferreira, assassinado traiçoeiramente pelo soldado do 1.º grupo de metralhadoras Joaquim A. Rodrigues.
2. O funeral saindo do hospital da Estrela, no qual se incorporaram os srs. ministro da guerra, comandante da divisão, e muitos officiaes da guarnição e da marinha de guerra.—(Cliché Benoliel).



Incendio a bordo da canhoneira 'Ibo'.—O incendio, devido a uma explosão no paiol das tintas, deu-se quando a canhoneira entrava no porto de S. Vicente de Cabo Verde. Felizmente a tripulação salvou-se, o que se deve á coragem do seu comandante, capitão-tenente sr. Matos Moreira e á dedicação do benemerito comandante e da valente tripulação do cruzador inglez *Hightwyer*. — (Devemos este interessantissimo instantaneo á amabilidade de um distinto offical da marinha ingleza)



INDEPENDENCIA DA BELGICA.—No dia 21 de julho passou o anniversario da independencia da Belgica, havendo por esse motivo receção no palacetto da legação, na rua da Imprensa Nacional. A nossa gravura representa o ministro belga e muitos membros d'aquelle paiz no jardim da legação depois da receção.—(Clichés Benoitel).



2. O sr. Antonio José Banha, industrial em Almada onde faleceu.—3. O sr. Erazmo Neves, antigo gerente da fabrica Black, de Xabregas, falecido em Canecães.—4. O sr. dr. José Emílio da Conceição Flores, medico em Faro, onde faleceu.—5. O sr. José Augusto Alvares de Carvalho, proprietario, falecido em Mondim de Basto.—6. O sr. Manuel Afonso Fernandes, antigo industrial em Canecães, onde faleceu. Era pae do agente do «Se-

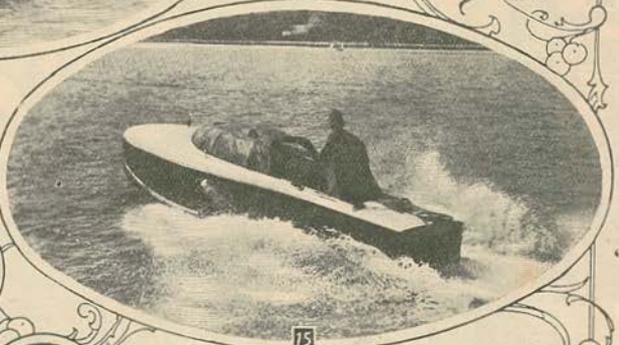


culo» n'aquella localidade sr. Afonso Fernandes, a quem damos saudades pesantes.—7. O sr. Pedro Carlos Souza Barreto, falecido em Lisboa—8. O distinto amador de musica e proprietario sr. Antonio Lamas, falecido recentemente em Lisboa—10. A sr. D. Sara dos Anjos, regente da escola Elias Garcia, falecida em Lisboa—11. O sr. Joaquim José da Silva Mendes Leal, 1.º official chefe do hospital de S. José, falecido em Lisboa.



HOMENAGEM AS VITIMAS DO 14 DE MAIO.—Os revolucionarios civis realisaram no dia 25 de julho uma sentida homenagem aos heroes que morreram na revolução de 14 de maio. O cortejo que saiu da Rotunda da Avenida e se dirigiu ao cemiterio do Alto de S. João era numeroso.—(Clichés Benoitel).

"SPORT" NAUTICO EM LISBOA



14. O «Sardancos», dos srs. Soares d'Almeida, H. Hotelho e G. Anciães, que tomou parte na corrida — 15. O «Vatapa», do sr. Alberto Lavandeira, que obteve o 1.º premio de velocidade (medalha de ouro), na corrida de barcos automoveis realisada no dia 18 do corrente



A equipe do Ginasio Club que tomou parte no Water-polo: 1. José Maria Sousa Brandão, 2. Alberto de Sousa Brandão, 3. Eduardo Cesar de Jesus, 4. João Formosinho, 5. José Formosinho, 6. António Vieira Calolal. — A equipe do Sport Algés e Dafundo, que tambem tomou parte no Water-polo: 7. Alfredo Carvalho Junior, 8. R. Bessone Bastos, 9. João D. Holbeche, 10. Raul Cordeiro, 11. Fernando Costa Duarte, 12. Manuel Moniz, 13. Armando Correia. — Uma fase do Water-polo entre o Club Naval de Lisboa e a Associação Naval de Lisboa no dia 17 de julho

UM ELEGANTE "ATELIER" FOTOGRAFICO



1. O sr. Pereira Monteiro.—2. Um aspeto do interior da Fotografia Pereira Monteiro.

O distinto fotografo sr. Pereira Monteiro conseguiu fundar e desenvolver na Figueira da Foz um dos nossos melhores *ateliers* fotograficos, como se vê das gravuras que junto publicamos. Quer no interior, quer no exterior, a *Fotografia Pereira*

Monteiro mostra que o seu proprietario é um verdadeiro artista, o que de resto os nossos leitores já sabem pelas magnificas provas que o sr. Monteiro tem fornecido a *Ilustração*.



A fachada da Fotografia Pereira Monteiro

CIGARROS DE ABYSSINIA
EXIBARD
 Sem Opio nem Morphina.
 Muito eficazes contra a
ASTHMA
 Catarrho, Opressão
 35 Anos de Bom Exilo.
 Medalhas Ouro e Prata.
 H. FERRE, BLOTTIÈRE & C.
 6, Rue Dombasle
 PARIS
 LE BOAS PHARMACIAS

FORMIGAS=DESTRUIÇÃO COMPLETA DAS FORMIGAS
ROSENE

NETTO, NATIVIDADE & C.^a

DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS, assim como de:
 Laboratório Productores esterilizados **Santitas**,
 Laboratório de Granulados e Esterilizados **Estadato & Filhos**, Sabonete Alcatraz composto
 L. P. **Camara Pestana**, Narope Heroico contra a
 FEBRE CONVULSA Espunheiro Alvar.

M OZAICOS — AZULEJOS —
 CAL HYDRAULICA
 CIMENTO AGUIA ROCHEDO
 GOARMON & C.^a
 Rua do Corpo Santo, 17, 19 e 21
 TELEPHONE 1244 — LISBOA

Rizella
 O MELHOR SABONETE

Medicinas dos Feizes quentes.
FERRO QUEVENNE
 CURA: ANEMIA, FEBRES, DEBILIDADE
 Activa, digestiva, economico, inalteravel.
 Esteiro o Sello da "Union des Fabricants"

FOTOGRAFIA
Rentlinger
 A MAIS ANTIGA DE PARIS
 AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
 21, Boulevard Montmartre
 PARIS
 TELEPHONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Perfumaria
 Balsêmo
 141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
 TELEPHONE Nº 477-LISBOA

POLICIA PARTICULAR
 INSTITUTO especial para informações,
 investigações e vigilância
 de pessoas. RUA DO REGEDOR (ao Cal-
 das) 9, ric.—LISBOA.

SELLOS DE CORREIO
 CATALOGO GRATIS E FRANCO
 Remattem-se Folhas para escolher
POULAIN FRÈRES
 44, Rue de Maubeuge, 44 - PARIS

Trabalhos de Zincogravura, Impressão e
 Fotografatura, Stereotipia, Composição

FAZEM-SE NAS OFICINAS DA

Ilustração Portuguesa

Postas á disposição do publico, executando todos os trabalhos que lhe são concernentes, por preços módicos e com inextinguível perfeição

Stereotipia
 De toda a especie de composição

Composição e impressão
 De revistas, illustrações e jornaes diarios da tarde ou da noite.

Zincogravura e Fotografatura
 Em zinco simples de 1.^a qualidade, cobreado ou nicklado
 Em cobre.
 A cores, pelo mais recente processo — o de tricromia.
 Para jornaes, com temas especiaes para este genero de trabalho

OFICINAS DA **Ilustração Portuguesa** RUA DO SEculo, 43

A. Gomes da Silva

RUA AUGUSTA, 229, 2.^o
LISBOA

*Promove a compra e venda de propriedades
em todo o paiz.*

*Dinheiro sobre propriedades por hipoteca,
rusticas ou urbanas.*

*Colocação de capitaes com segurança
e bom juro.*

*Leilões de casas particulares e commerciaes
e trespasse das mesmas.*

*Consignações de rendimentos, usufrutos
e heranças.*

*Transações sobre letras com boas firmas
comerciaes, e todas as transações que
sejam serias e garantidas.*

RAPIDEZ, SERIEDADE E CONHECIMENTO
PROFUNDO DE NEGOCIOS